

# Topologia digital da página impressa no ‘Arquivo Digital da PO.EX’

MANUEL PORTELA

O TERMO *TOPOLOGIA* é aqui usado metaforicamente a partir do seu sentido matemático. Se na matemática os conceitos de convergência, conexidade e continuidade servem para definir espaços topológicos, a extensão metafórica que proponho neste artigo sugere uma equivalência topológica entre página impressa e página digital, através das propriedades que organizam a escrita enquanto campo espacial de sinais. Ao mapear e modelar a espacialização da escrita que ocorre no texto visual, a remediação digital mostra-nos a própria página como um espaço topológico, isto é, um espaço cuja configuração se contrai e se distende para articular entre si os sinais da escrita. As operações de transformação topológica na passagem do espaço impresso para o espaço digital tornam possível observar o funcionamento das estruturas homeomórficas que configuram a espacialização da escrita num e noutra meio, incluindo as traduções entre sistemas semióticos.

A recodificação digital da poesia experimental portuguesa das décadas de 1960, 1970 e 1980 realizada no *Arquivo Digital da PO.EX* permite apreender a complexa topologia da página impressa como articuladora dos sinais escritos. Os exemplos analisados encontram-se em várias secções, todas elas com a coordenação de Rui Torres, designadamente em «Releituras» do CD-ROM da *PO.EX (Poesia Experimental Portuguesa — Cadernos e Catálogos)*, de 2009; em «Leituras da Poesia Experimental Portuguesa», de 2011; e em «Homeóstatos de José-Alberto Marques: Uma Homenagem pelo *Arquivo Digital da PO.EX*», de 2015. Estética e criticamente filiadas na experimentação medial que caracteriza as práticas da poesia experimental, as recriações de obras singulares e as apropriações do Arquivo no seu todo como objeto de manipulação constituem manifestações das possibilidades criativas do meio digital. Depois de categorizar as estratégias de recodificação digital presentes no *Arquivo Digital da PO.EX*, este artigo analisa a reflexividade intermedial da escrita, da imagem e do código em textos visuais de Ana Hatherly, E. M. de

Melo e Castro e José-Alberto Marques, descrevendo a recodificação digital da página impressa como demonstração da natureza topológica do seu espaço na configuração da escrita e na produção de sentido.

### I. REMEDIAR, RECODIFICAR, RELER

No *Arquivo Digital da PO.EX*, a tradução intermedial do papel para o ecrã multimédia é operada através de quatro estratégias formais claramente diferenciáveis. A primeira, que corresponde à lógica mimética de reprodução de documentos planográficos no espaço de inscrição digital, consiste na representação digital fac-similada. Tomando a página como unidade de digitalização, esta operação implica uma remodularização das obras a partir da unidade material que faz corresponder o plano da página ao plano do ecrã, geralmente desfazendo a mecânica da forma de livro específica. É isso o que acontece, por exemplo, com a recriação fac-similada das revistas *Poesia Experimental 1* (1964) e *Poesia Experimental 2* (1966), já que a componente háptica do objeto e a sintaxe articulatória criada pelos cadernos e pela dobragem das



Figura 1. Captura de ecrã da interface de consulta e manipulação da versão digital fac-similada da revista 'Poesia Experimental 2' (1966). Arquivo Digital da PO.EX.

folhas dos poemas não é reproduzível na superfície do ecrã (Cardoso, 2015). Uma segunda transformação, decorrente da natureza codificada da imagem digital, consiste na possibilidade de obter ajustamentos contínuos de escala que tornam possível reduzir ou ampliar a reprodução fac-similada, tornando as suas dimensões variáveis. Esta variabilidade das dimensões é, por sua vez, condicionada pela resolução da digitalização, isto é, pelo mapa de *bits* que determina a quantidade de valores cromáticos e tonais para cada área da imagem; pela interface de manipulação, que condiciona a navegabilidade dentro da página e entre páginas; e pelo tamanho de ecrã e natureza do dispositivo de consulta (ecrã de secretária, tablete, *smartphone*), cuja ergonomia implica um modo particular de interação humano-máquina. As diferenças introduzidas pelo módulo-página como unidade de fac-similização e pela variabilidade da escala, da resolução e dos modos de apresentação e manipulação mostram-nos como o próprio fac-símile, independentemente do seu grau de fidelidade mimética, constitui uma modelação do objeto. Nessa medida, também as estratégias de fac-similização digital permitem criar efeitos de diferença que são intensificadores ou desintensificadores da topografia da inscrição e da topologia da página.

A segunda estratégia de recodificação intermedial opera a partir do interior do texto, isto é, a partir dos seus princípios composicionais, e consiste em traduzir uma determinada constelação espacializada de significantes numa sequência de animação. No caso da animação, a reorganização das relações espaciais e temporais instituídas pela disposição constelada dos signos escritos na superfície da página obedece a dois procedimentos formais interligados: uma lógica de explicitação da sugestão de movimento contida no nível icónico da figuração textual e uma lógica de explicitação cinemática do movimento de leitura ao percorrer a constelação de signos. Deste modo, a capacidade autoicónica do texto visual para gerar imagens de objetos é usada quer como procedimento de análise da topografia das inscrições na página, quer como instrumento de leitura dessa topografia. O primeiro nível permite identificar as unidades topogramáticas que se tornarão unidades fotogramáticas a animar; o segundo nível permite sequenciar um percurso de leitura, recombinao através da animação aquelas unidades. A espacialização ideogramática é temporizada, traduzindo simultaneidade em sequencialidade segundo a lógica das imagens em movimento. Esta estratégia de mediação explora a componente intermedial que o texto visual contém — discurso e imagem ao mesmo tempo — conferindo à versão digital um conjunto de propriedades cinemáticas que revelam e ampliam — através de um processo de intensificação e transformação — as camadas icónicas e cinéticas contidas na topografia das inscrições originais. Correspondem a esta estratégia as releituras feitas no *CD-ROM da PO.EX* dos seguintes textos: «Algarismos Alfinete»

e «Poemas em EFE», de Salette Tavares; «Edifício», de E. M. de Melo e Castro; «Hipopótamos», de Herberto Helder; e «Dois Fragmentos de Uma Experiência», de José-Alberto Marques (Portela, 2009).

A terceira estratégia, que funciona segundo uma lógica intermedial equivalente à anterior, consiste numa tradução de uma determinada constelação espacializada de significantes numa sequência sonora. Neste caso, a componente intermedial contida no texto visual implica a associação de discurso, imagem e som em simultâneo. Ao contrário de uma vocalização em que a decifração dos signos escritos ocorre apenas sobre sinais alfabéticos como notação dos sons articulados do discurso — isto é, no âmbito estrito de uma voz disciplinada pela semântica e pela pragmática do discurso —, uma vocalização sobre um texto constelado que inclua operações formais expressivas sobre os próprios sinais alfabéticos e sobre a topografia das inscrições implica encontrar, geralmente de forma intuitiva e assistemática, valores notacionais para essas formas gráficas modificadas que correlacionem sinais escritos e espaços constelados com articulações fonatórias. Estes elementos gráficos permitem trabalhar adicionalmente as camadas prosódicas do discurso e a expressividade da voz, criando variações de altura, duração, intensidade e ritmo, isto é, vocalizando as inscrições como se de uma notação musical se tratasse. A exploração da materialidade expressiva da inscrição enquanto som, voz e respiração constitui uma outra forma de revelação da complexa topografia do texto espacializado e da página como um espaço topológico de articulação dinâmica dos seus elementos. Correspondem a esta estratégia as leituras sonoras feitas no *CD-ROM da PO.EX* de uma série de «Ideogramas» de E. M. de Melo e Castro por Américo Rodrigues, assim como as leituras dos poemas visuais de Salette Tavares realizadas por Jorge dos Reis na performance «O Leitor Compulsivo de Alfabetos» (Reis, 2011), algumas das leituras de textos visuais feitas por Nuno M Cardoso e Américo Rodrigues em «Leituras da Poesia Experimental Portuguesa»<sup>1</sup>, e ainda a leitura dos «homeóstatos 1-10» de José-Alberto Marques feita por Bruno Ministro, Nuno Miguel Neves e Sandra Guerreiro Dias no audiotexto «Fs =  $\mu$ s Fn» (2015). As duas últimas estratégias referidas — tradução cinética e tradução sonora — podem ainda combinar-se entre si, resultando numa recriação audiovisual, de que é exemplo «Explosão», de E. M. de Melo e Castro, incluída também no *CD-ROM da PO.EX*. Esta estratégia de releitura criativa e expansão do potencial intermedial dos textos visuais está, de resto, na base das séries pioneiras de videopoemas *Signagens*, de E. M. de Melo e Castro (1985-1989), algumas das quais foram realizadas pelo autor a partir de textos visuais impressos anteriores.

A quarta estratégia, que consiste igualmente numa extensão dos princípios composicionais interiores ao texto, implica a programação das

permutações explícitas ou implícitas no texto impresso. Vários textos experimentais recorrem a princípios combinatórios aplicados às diversas escalas de articulação da escrita e do discurso — letras, palavras, expressões, frases. Estes processos de permutação grafêmica e discursiva exploram a lógica fatorial da escrita e da linguagem como espaços abertos. As permutações podem resultar de substituições que ocorrem dentro da estrutura sintática e do vocabulário do próprio texto ou podem resultar da permutação com a estrutura sintática e o vocabulário de outros textos. Num e noutro caso, os princípios gerativos da linguagem, a nível fonológico e morfossintático, são utilizados como instrumentos de produção de novos enunciados. O texto instancia-se na sua dupla condição de texto e de motor textual, isto é, de matriz para gerar novos textos. A programação do algoritmo textual permite automatizar e expandir as permutações, mostrando como a produtividade gerativa do texto na página impressa é função não só das estruturas linguísticas usadas mas também da espacialização dessas estruturas, já que o espaço em branco da página funciona como articulador das combinatórias, delimitando os segmentos de inserção e os pontos de ramificação textual. Correspondem a esta estratégia as releituras feitas no *CD-ROM da PO.EX* dos seguintes textos: «Mapas do Deserto e da Memória», de E. M. de Melo e Castro; «A Máquina de Emaranhar Paisagens», de Herberto Helder (neste caso usando o sintetizador textual de Pedro Barbosa); e «Poemas Encontrados», de António Aragão.

## 2. TEXTO-ESCRITA

A escrita é o resultado de um processo de diferenciação material que permite ao traço ganhar valor notacional. Qualquer processo de significação grafémico depende dessa condição diferencial a partir da qual um sistema de relações pode ser instituído. Um traço, isto é: um espaço não-traço instituído pelo traço e um espaço-traço instituído pelo não-traço. As respetivas topografias implicam-se e constituem-se mutuamente. Ao inscrever-se na folha de papel, a forma da tinta vê-se heteroconstituída pela superfície que a recebe. A partir deste espaço-tempo as inscrições podem multiplicar-se na microrradiação simbólica do cosmos. Um traço, dois traços, três traços. Um conjunto de unidades elementares pode agora ser re combinado em múltiplas configurações. A topologia da página constituiu-se, ela própria, como articuladora da combinatória infinita dos traços. É a partir dessa topologia que a combinatória dos traços extrai possibilidade e potencialidade de representação. E é a partir do traço que a própria dinâmica topogramática da escrita se ativa. Cada um dos elementos e cada uma das configurações desses elementos podem então ser codificados e ganhar um valor notacional, suscetível de representar abstratamente outros sistemas de diferenças, como os sons da língua ou os sons de um instrumento musical. Podem ainda funcionar iconicamente por

semelhança com objetos da percepção visual, e referir objetos do mundo. A partir deste momento está criado um processo sógnico de iteração infinita, isto é, um processo que permite aos traços sustentar múltiplas cadeias semióticas de ordenação do mundo.

É nesta captura da emergência da escrita e da forma a partir do traço que a visualidade emerge como condição universal da textualidade. Todavia não é apenas a indecibilidade entre sentido notacional e sentido figural nas repetições e variações das suas inscrições que o sistema abstrato de diferenças permite reconhecer. É também a expressividade autográfica do traço, isto é, a presença corporal da mão que escreve. Na iteração obsessiva da sua gestualidade autográfica, a escrita inscreve o sujeito como matéria do traço. O sistema abstrato de diferenças que confere ao traço o seu valor notacional e figural contém, na sua instanciação singular, o vestígio da presença vívida do sujeito-mão que tenta dizer-se no traço. Ao entregar-se ao movimento da mão, o traço deixa antever o magma pré-sógnico e pré-diferencial do desejo que o produz. No traço está contida a força desejante que produz retroativamente o sujeito que traça o traço. Notação que ainda não é notação, símbolo que ainda não simboliza, escrita como pura energia vital. Autocaligrafia da pulsão da escrita como fluxo visceral do animal simbólico. Potencialidade do ser como

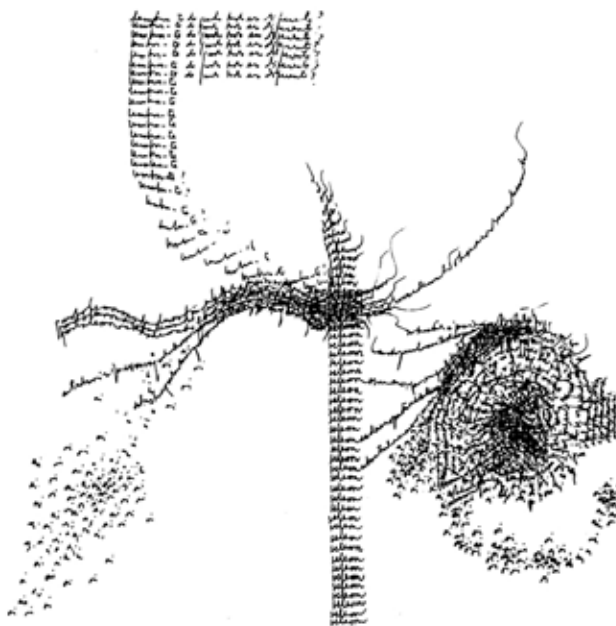


Figura 2. Ana Hatherly, «Lembras-te de quando tudo era diferente?», 'A Reinvenção da Leitura', 1975, p. 37. Arquivo Digital da PO.EX

ser-traço, a inscrição contém ao mesmo tempo a pura exterioridade da sua existência matérica e o vestígio da interioridade reinventada pela escrita.

Na medida em que o leitor é colocado perante a origem da escrita como pura inscrição, isto é, como ato que se inscreve a si próprio registando a sua condição matérica, os textos visuais de Ana Hatherly permitem ao leitor observar a transição entre pré-semiótico e semiótico, entre pré-semântico e semântico, entre pré-figurativo e figurativo. Esta sobreposição de estados proporciona-nos a experiência gestáltica da escrita enquanto processo de percepção visual, processo abstrato de notação e processo expressivo de conquista do dizível e do figurável. A oscilação entre percepção visual, cognição semiótica e propriocepção gestual das formas torna-se no meio principal da experiência da escrita como forma e como desejo. O movimento combinatório dos traços, de cuja fluidez depende a produtividade simbólica, contém o movimento do corpo que escreve. Nesse sistema cognitivo formado por sujeito, materiais de escrita e códigos da língua e do desenho, a consciência é um efeito retroativo do corpo que se sente a escrever. Sentir-se a escrever e sentir a escrita a escrever-se são manifestações cognatas dessa consciência expandida até à superfície marcada do papel. À topografia da escrita corresponde a topologia da página que permite articular um sistema de relações.

### 3. TEXTO-IMAGEM

A reescrita audiovisual de alguns dos seus próprios ideogramas, realizada por E. M. de Melo e Castro entre 1985 e 1989, oferece um modelo do processo de mediação como análise dos processos icónicos de referência e dos movimentos de leitura no campo topográfico dos signos. A constelação ideogramática das inscrições abre um conjunto de possibilidades de associação entre os signos, permitindo que a topologia do espaço da página se torne instrumento de recombinação signica e, portanto, de articulação das possibilidades semânticas do texto. Os conectores sintáticos são substituídos por atratores topográficos que convocam os olhos do leitor segundo percursos e eixos variáveis, que o ato de leitura tem de explorar reflexivamente. A animação das letras e das palavras é uma forma de dar a ver — através da recodificação da imagem impressa na imagem vídeo — a densidade criada pela reconfiguração da cadeia linear da escrita alfabética numa disposição ideogramática, que redistribui o sentido entre a microescala do significante verbal e a macroescala do significante icónico.

Ao tornar as oscilações entre *logos* e ícone perceptualmente experienciáveis como movimentos no ecrã, a série *Signagens* (1985-1989) mostra a complexidade topográfica do todo da página impressa e da página vídeo enquanto imagem. Esta série de videopoemas não opera segundo uma lógica de substituição dos ideogramas impressos, mas antes segundo um princípio de expansão

temporal da simultaneidade contida nesses ideogramas, que proporciona, por via da reiteração — intensificada através da animação, da cor e do som —, a sua releitura. É a diferença material entre a imagem vídeo e a imagem impressa que torna possível este efeito de retroação segundo o qual a função articuladora da espacialização se torna perceptualmente experienciável: o espaço da página pode ser visto como constituinte dinâmico do texto-imagem e não como suporte estático de inscrições. A página impressa torna-se no conteúdo da página vídeo, que mostra e amplifica as homologias entre espacialidade e temporalidade no processo de tradução de um meio para outro.

Por outro lado, a invenção do videopoema como remediação do poema visual transfere a reflexividade metapoética para o novo meio e para a especificidade da imagem eletrónica. Em «Poética dos meios» (um dos videopoemas da sequência *Signagens*), a natureza da inscrição eletrónica e as propriedades da imagem eletromagnética são tematizadas autoexemplificativamente em cada uma das sete partes do poema. As sequências são todas compostas por um pequeno texto gerado a partir da imagem de um teclado e por formas abstratas oscilantes — manchas e linhas ondulantes e intermitentes — que evocam a natureza magnética e fotoeletrónica das imagens geradas pelo ecrã-vídeo: «FORMAS VOADORAS» anuncia o cinetismo da inscrição eletrónica; «espaço elástico» emula a flexibilidade multidimensional do espaço do ecrã; «frases aéreas» figura o ecrã como espaço luminoso de inscrição múltipla; «IMAGENS VINDAS DO AR» refere a imagem enquanto radiação eletromagnética transmissível à distância; «labirintos voláteis» postula a reticularidade e a transiência eletromagnética da imagem; «ESPIRAIS SUBLIMINARES» aponta para o inconsciente da imagem eletrónica; e, por fim, «LETRAS DA VOZ» enuncia a especificidade eletrofísica da inscrição fonográfica que emancipa a voz do teclado e dos limites do código alfabético. A presença do teclado no ecrã e, através dele, do código alfabético (sublinhado através da alternância entre letras em caixa alta e em caixa baixa em todo o poema) funciona como mnemónica espectral da página impressa, a cuja topologia as formas emergentes da imagem videográfica fazem ainda referência ao mesmo tempo em que enunciam (e anunciam) a natureza materialmente específica da sua tecnologia de mediação.

#### 4. TEXTO-CÓDIGO

Ao transformarem uma sequência de palavras num gerador textual, os «homeóstatos» de José-Alberto Marques permitem visualizar o código genético da língua, com base numa amostra da produtividade gerativa do código de sinais que o alfabeto constitui. Esta possibilidade simulatória de capturar a replicação molecular e celular da língua depende ainda da intensificação da consciência do código alfabético materializado na máquina de escrever.



Colocando nas mãos do escritor os sinais individualizados do alfabeto, o teclado oferece-lhe a experiência tátil e háptica da escrita como recombinação informacional de sinais («neve: vento. alguém. teus pés. ombros. frio: cabelos de serpente»). O monoespaçamento das letras na página, que me indica tratar-se da replicação das mesmas letras nas mesmas posições relativas em diferentes áreas da folha de papel, mostra-me que foi a partir da grelha cartesiana instituída pela mecânica funcional da máquina de escrever que o código alfabético se pôde tornar autorreflexivo. Os «homeóstatos» revelam a digitalidade computável da língua, através de uma representação diagramática que visualiza uma distribuição probabilística da ressequenciação das letras em novas palavras ou da sua reconstelação em novos ideogramas.

Tomando como base os 10 «homeóstatos» de José-Alberto Marques, o *Gerador de Homeóstatos*, de Rui Torres e Nuno Ferreira (2015), explicita a função codificadora da linha sequencial de texto em alguns dos «homeóstatos» originais (n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 10), programando quer novas matrizes, quer novas permutações das letras contidas nessas matrizes. Esta versão programada formaliza o modelo textual dos originais, demonstrando a relação neles contida entre o motor textual e as instanciações textuais geradas pela recombinação dos seus caracteres em novas unidades de inscrição-sentido, isto é, a presença simultânea do texto-código e do texto gerado pelo código. Todavia, em cada novo «homeóstato» gerado, a seleção de caracteres para formar novas palavras é feita a cada linha (e não com uma lógica sintática e semântica que seja independente da divisão de linhas e da mera formação permutativa de palavras), alterando quer o equilíbrio interno do poema, quer o equilíbrio entre o sistema do poema e o sistema da língua, a favor da aleatoriedade e da omnipresença do sistema linguístico.

Assim, a expansão das possibilidades combinatórias decorrentes da automatização elimina as restrições inerentes aos limites da inscrição gráfica das permutações na folha de papel, tornando completamente aberto o conjunto original de permutações e, nessa medida, desvinculando-o de um campo de referências ambíguo mas limitado e circunscrito a uma subjetividade experiencial. A recodificação digital dos homeóstatos como poemas programados revela a função articuladora da topologia da página como recurso que permite ao texto ser ao mesmo tempo código e instanciação gerada pelo código. No entanto, na medida em que a permutatividade se tornou meramente fatorial, a recodificação digital sobrepõe a lógica do código à lógica do texto, criando o efeito de estranheza decorrente da conformação do texto à homeostase maquínica de um algoritmo indiferente à camada referencial da linguagem.

## 5. TOPOLOGIA DA PÁGINA E POÉTICA DO ARQUIVO

As estratégias de remediação usadas no *Arquivo Digital da PO.EX* não se limitam a uma emulação fac-similada dos documentos originais. Estas estratégias incluem formas de recodificação que reinscrevem os originais na processabilidade algorítmica e metamedial das tecnologias computacionais atuais, fazendo pleno uso da geração textual automática e da edição multicamadas que permite combinar texto, som e animação. Por via permutacional ou por via metamedial, esta releitura e reescrita tecnológica de artefactos textuais impressos constitui-se simultaneamente como procedimento de análise e como processo criativo. Através de operações de recodificação intermedial, a recriação digital dos textos constelados contida no *Arquivo Digital da PO.EX* torna possível apreender a complexidade topológica da página impressa como articuladora da dinâmica semiótica dos signos.

O sistema classificatório desenvolvido para os itens da base de dados permite combinar o vocabulário histórico dos praticantes, as categorias das normas bibliográficas e um novo sistema de classificação que tem em conta a relação entre as materialidades dos artefactos e das ações poéticas, por um lado, e a natureza da sua remediação digital, por outro (Portela 2014). Considerado quer de forma agregada (isto é, como um conjunto de materiais), quer nas redes variáveis de relações geradas pelos metadados, quer ainda nas categorias de navegação e filtragem da interface, o *Arquivo Digital da PO.EX* constitui um espaço de conhecimento e de interpretação das práticas poéticas experimentais. Novos objetos de ensino e de investigação, mas também novas possibilidades de manipulação e apropriação dos seus materiais demonstram o valor heurístico e estético da sua ecologia documental.

### NOTAS

O autor agradece o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia através da Bolsa de Investigação com a referência SFRH/BSAB/114288/2016.

- <sup>1</sup> Por exemplo, «Takitaki», de Salette Tavares, por Américo Rodrigues; e «Ensaio para Uma Nova Expressão Escrita N.º 275», de Fernando Aguiar, por Nuno M. Cardoso.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Catarina Figueiredo, «'ler' o poema é simplesmente dobrar e desdobrar ['to read' the poem is simply to fold and unfold]. Artist's books by António Aragão», *Cibertextualidades*, n.º 7, 2015, p. 109-26. <http://hdl.handle.net/10284/4693>.
- HATHERLY, Ana, *A Reinvenção da Leitura: Breve Ensaio Crítico Seguido de 19 Textos Visuais*, Lisboa, Futura, 1975.

- MARQUES, José-Alberto, «9 Homeóstatos», *Operação 1*, s.n., 1967.
- MELO E CASTRO, E. M. de, *Signagens*, 1985-1989, in *Arquivo Digital da PO.EX*. <<http://po-ex.net/taxonomia/materialidades/videograficas/e-m-de-melo-castro-signagens>>
- MINISTRO, Bruno, Nuno Miguel Neves & Sandra Guerreiro Dias, «Fs =  $\mu$ s Fn», 2015, in *Arquivo Digital da PO.EX*. <<http://po-ex.net/taxonomia/materialidades/fonograficas/bruno-ministro-nuno-miguel-neves-sandra-guerreiro-dias-fs-s-fn>>
- PORTELA, Manuel, «Flash Script Poex: A Recodificação Digital do Poema Experimental», *Cibertextualidades*, n.º 3, 2009, p. 43-57. <<http://hdl.handle.net/10284/1357>>
- , «Multimodal Editing and Archival Performance: A Diagrammatic Essay on Transcoding Experimental Literature», *Digital Humanities Quarterly*, vol. 8.1, 2014. <<http://www.digitalhumanities.org/dhq/vol/8/1/000175/000175.html>>
- REIS, Jorge dos, «O Leitor Compulsivo de Alfabetos», 2011, in *Arquivo Digital da PO.EX*. <<http://po-ex.net/taxonomia/materialidades/performativas/jorge-dos-reis-o-leitor-compulsivo-de-alfabetos-salette-tavares>>
- TORRES, Rui (ed.), *Arquivo Digital da PO.EX*, Porto, Universidade Fernando Pessoa. <<http://www.po-ex.net/>>
- (ed.), *CD-ROM da PO.EX (Poesia Experimental Portuguesa — Cadernos e Catálogos)*, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2009. <<http://www.po-ex.net/evaluation/>>
- (coord.), «Leituras da Poesia Experimental Portuguesa», in *Arquivo Digital da PO.EX*. <<http://www.po-ex.net/leituras/#/home>>
- (ed.), «'Homeóstatos' de José-Alberto Marques: Uma Homenagem pelo Arquivo Digital da PO.EX», 2015, in *Arquivo Digital da PO.EX*. <<http://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/homeostatos-de-jose-alberto-marques-1965-2015-uma-homenagem-pelo-arquivo-digital-da-po-ex>>
- , e Nuno Ferreira, *Gerador de Homeóstatos*, a partir de José-Alberto Marques, 2015, in *Arquivo Digital da PO.EX*. <<http://po-ex.net/taxonomia/materialidades/digitais/rui-torres-nuno-ferreira-gerador-de-homeostatos>>